

A LEPROSA NA LITERATURA DE FICÇÃO¹

Roseli Martins Tristão Maciel¹

¹ Professora do curso de História do CCSEH/UEG; Mestre em História; Doutora em Políticas Públicas.

Resumo: O presente texto é resultado parcial de uma pesquisa realizada durante os anos de 2015 e 2016, cadastrada na PRP-UEG, que contou com o auxílio de duas alunas bolsistas pelo programa PIBIC/UEG. O objeto da investigação foram os estigmas, ou seja, a contaminação simbólica² da lepra abordados nas produções literárias de ficção, desde a Idade Média até a atualidade, considerando os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais que integram o contexto no qual foram produzidas. O estudo é de natureza qualitativa, conforme a concepção de Minayo (2012), e se fundamenta teoricamente nas obras de S. Sontag (2002;2007) e Cardoso e Brignoli (1988), dentre outros autores.

Palavras-chave: Lepra; Literatura; Ficção

Introdução

O presente texto é resultado de uma pesquisa sobre as metáforas da lepra construídas nas narrativas literárias de ficção, ao longo da história, considerando os aspectos históricos, políticos, sociais e culturais que integram o contexto no qual foram produzidas. Trata dos estigmas direcionados a esta enfermidade e aos seus portadores. Seu objetivo foi analisar as terminologias estigmatizantes atribuídas à lepra, no passado e no presente, tendo como fonte principal as obras literárias. A problemática, derivada deste objetivo, foi: quais significados a literatura atribuiu à lepra através de diferentes épocas e culturas?

A natureza da investigação, que resultou neste trabalho, é qualitativa, o que, segundo Minayo (2012), é uma categoria de investigação social, cujo objetivo é compreender e esclarecer a dinâmica das relações sociais que são depositárias de valores e atitudes. O estudo se fundamentou em várias abordagens e estudos de autores diversos, dentre as quais tiveram destaque: a obra de S. Sontag (2002;2007) cuja análise é a condição da doença e do doente como um contraponto estético na literatura; Cardoso e Brignoli (1988), para quem a literatura

¹ o estado da arte na formação docente: pensamento complexo, interdisciplinariedade, fenomenologia e intencionalidade;

² O termo foi adotado pela pesquisadora a partir das concepções desenvolvidas por S. Sontag (2002) em sua obra *A Doença como Metáfora*.

se reveste de vários sentidos, os quais são transformados em “falsas verdades” e, Goffman (1988) para quem o estigma é o elemento, um traço subjetivo, capaz de impor a um indivíduo um tipo de atenção que afasta, denigre e impede que outros atributos possíveis de atenção positiva, sejam ignorados. Nas palavras do autor,

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (GOFFMAN, 2000, p.7).

Na impossibilidade de apresentar os resultados na íntegra mas desejando demonstrá-los, apresentaremos a seguir, exemplos de vários contextos literários que detectamos através da pesquisa, simultaneamente: da literatura clássica, internacional, nacional e regional.

Análise das obras literárias

A obra *Tristão e Isolda* de Bérnier (1995), datada do século XII que recentemente foi adaptada em filme pelos estúdios de Hollywood tem uma passagem chocante, quando o adultério de Isolda é descoberto e um grupo de leprosos solicita ao rei que se ele entregá-la para eles o castigo que lhes infringirá será o pior que qualquer outro que lhe possa ser aplicado, assim justificando,

Senhor, dir-te-ei rapidamente o que penso. Vê, aqui tenho cem companheiros. Dá-nos Isolda e que ela nos pertença a todos! A doença excita-nos o desejo. Dá-a aos teus leprosos. Nunca uma dama terá tido pior fim. Vê, nossos farrapos estão colados às nossas chagas supurantes. Ela que junto a ti gozava os bons vinhos, as honrarias, a alegria, quando vir a corte dos seus leprosos, quando tiver de entrar nos nossos tugúrios e deitar-se conosco então Isolda a Bela, a Loura reconhecerá o seu pecado e terá saudades desta bela fogueira de espinhos (apud LE GOFF, 1984, p. 77).

Uma obra contemporânea, porém, que retrata a lepra no período medieval e de autoria da escritora polonesa Zofia Kossak cujo título original é *Król tredowatu (Rei Leproso)* editada no ano de 1936, traduzido para o inglês como *The Leper King* e para o português como *O Santo Sepulcro*³. Trata-se de um romance histórico que narra à trajetória da conquista e libertação de Jerusalém pelos cruzados, onde o principal personagem, o rei Balduíno IV, aparece acompanhando o exército nos campos de batalha. Em uma das passagens do romance está a cena em que, embora muito debilitado pela lepra, o rei ia para a batalha e para não cair do cavalo ele era amarrado à cela.

³ KOSSAK-SZCZUCKA, Zofia. *O Santo Sepulcro*. Edição eBooksBrasil, 2008. Disponível em www.ebooksbrasil.org.

Balduíno IV era filho de nobres europeus da dinastia franca da Síria, nasceu em Jerusalém no ano de 1160 e foi coroado rei aos treze anos, sua doença havia sido diagnosticada na infância. No entanto, não foi exilado e ainda lutou contra os muçulmanos, enfrentando o exército de Saladino, saindo vitorioso. Acreditamos que Balduíno foi favorecido por ter nascido e vivido no Oriente, onde a ausência das práticas estigmatizantes e de isolamento voltadas para os leprosos não compunham os dogmas islâmicos. Contraditoriamente, Balduíno lutou como católico contra os muçulmanos, o que, na condição de leproso, não lhe teria sido permitido se vivesse no Ocidente.

A lepra na literatura brasileira está presente no século XIX na obra de José de Alencar em sua crônica, *A Alma do Lázaro*, cuida em advertir o leitor “que tratará de um tema *árido*” que,

(...) não convidam ao riso, que tão excelente especiaria é para um livro de entreter. Bem longe disso, talvez que espremam dos corações mais ternos e sentimentais uns fios de lágrimas. Caso assim aconteça, será com bem pesar meu, pois sinceramente acho de mau-gosto (*sic*) lembrar-se alguém de produzir choros d’artificio (*sic*) a guisa de jogos de vista, quando não faltam motivos reais de tristeza (...) (ALENCAR, 2011, p. 19 a 20).

A advertência sinaliza para uma visão piedosa, porém, em nenhuma linha do texto, a doença ou os doentes são descritos de forma diferente daquela que os apresentam como horripilantes, medonhos que devem ser totalmente evitados. A História é ambientada em Olinda por volta da segunda metade do século XVIII, trata-se de um escritor narrando como sua busca por inspiração o fez encontrar, nas ruínas de um edifício, um diário e, em seguida, passa a fala para o próprio autor do mesmo, ou seja, um leproso já falecido, que sobre sua doença diz,

(...) Quando passava, apontavam-me de longe. Murmuravam meu nome. Realmente o Lázaro não é mais um homem. Foi concebido pela mulher, mas foi a praga que o abortou. No terror que infunde é fera, no asco que excita é verme! (idem, p. 42 a 43).

O conto *A Morfética* do escritor goiano Bernardo Élis, será apresentado aqui, sob a análise empreendida pelo historiador Ítalo Tronca. O autor enfatiza o quanto este conto demonstra uma face vingadora do leproso, como se este precisasse atacar os são pelo mal que o acometeu. Segundo (TRONCA, 2004), a história é narrada por uma pessoa que se viu sozinha nos ermos dos sertões de Goiás após o caminhão em que viajar ter estragado e o motorista se retirado para buscar ajuda. Ao avistar um rancho, estando ele com fome, frio e sede, resolveu abandonar o veículo e ir até lá. O rancho estava vazio mas com mesa posta com

várias e apetitosas iguarias, ele resolve servir-se e logo após descansa numa rede e entrega-se a devaneios sensuais, acreditando que entraria pelo lugar uma mulher linda, virgem e sensual que se despiria e se ofereceria para ele. Entrementes, ele acordou pela força de braços que o seguravam com raiva e,

(...) bocas fedorentas me mordiam as pernas, o rosto os braços. Na luta, agarrei fortemente um rosto. Pelo tato, senti que corria dele um pus grosso que me sujou a mão: - será que é baba?

Notei mais que o rosto não tinha nariz e estava cheio de calombos e poronós. Minha vista se acomodou ao escuro e pude divisar vultos que se moviam; tentavam segurar-me e os seus braços se agitavam em gestos trôpegos, fantásticos. Tentei abrir a porta do rancho; felizmente cedeu. Então me lembrou a lanterna elétrica do boso: foquei os vultos.

Eis o que vi: quatro espectros vestidos de xadrez, apalermados ante a luz forte. Tinham as faces encaroçadas, as orelhas inchadas, tumefactas, uns tocos de dedos retorcidos e engelhados, o crânio pelado e purulento. Principiaram a conversa entre si. A voz saía fanhosa, fina, soprada pelo nariz. Uma voz nojenta, leprosa (...) TRONCA, 2004, p. 8).

Segundo Tronca,

(...) o escritor regionalista Bernardo Élis, no conto *A Morfética*, cria um enredo em que os recursos estéticos na clave do grotesco mascaram o sentimento de humilhação, num contraponto entre a doença e a sexualidade feminina como núcleo dramático. (...) Nessa narrativa, os excessos estilísticos, carregados de grotesco e de repulsivo, disfarçam, talvez, o inexpresso, o que está sendo dito nas entrelinhas. Ou seja, a humilhação feminina [as personagens doentes são mulheres] escamoteadas através da sexualidade exacerbada pela doença (idem, 2004, p. 7-8).

Aí temos outro aspecto estigmatizante da hanseníase, ou seja, sua relação com o pecado original, concepção introduzida pela religião judaica e que está diretamente relacionada a ideia de castigo divino. O conto de Élis serve de exemplo para demonstrar o quanto essas percepções sobreviveram ao tempo, e são parte de um passado histórico bem recente, se não atual, uma vez que o conto foi escrito no século XX, por um escritor cuja influência literária está pautada nos princípios modernistas.

Em outra obra *As máscaras do medo*, Ítalo Tronca analisa algumas obras literárias cuja temática é a lepra. Dentre elas, *Havaí*, do escritor norte americano James Michener, *um best seller* da década de 1950 que retrata a situação da ilha de Molokai, local para onde eram levados os leprosos, não apenas da Ásia mas de outros continentes⁴. Outra obra analisada por

⁴ Ver maiores informações sobre este contexto histórico envolvendo a ilha de Molokai no capítulo II desta tese.

Tronca é a do escritor socialista, também norte americano J. London, trata-se de um conto denominado *Koolau*, que retrata o mesmo panorama descrito por Michener mas a partir de uma visão de denúncia.

As passagens acima nos fez perceber a situação da hanseníase como um contraponto estético na literatura, conforme analisa S. Sontag (2007) em sua comparação entre o câncer e a tuberculose. Esta autora aponta para o fato de que a segunda enfermidade foi emblemática para a difusão do romantismo literário, o que fez com que seus aspectos biológicos característicos e negativos fossem metamorfoseados em elementos estéticos positivos que se cristalizaram e passaram a identificar todo um contexto histórico e artístico porque, segundo ela,

(...) Durante mais de cem anos, a tuberculose permaneceu como a forma preferida de dar sentido à morte – uma enfermidade sofisticada, edificante. A literatura do século XX está atulhada de descrições de mortes beatíficas, sem medo e quase sem sintomas, causadas pela tuberculose, sobretudo com pessoas jovens, como Evinha em *A Cabana do Pai Tomás*, e Paul, o filho de Dombey, em *Dombey and son*, e Smike em *Nicholas Nickleby*, em que Dickens se referiu à tuberculose como a “enfermidade medonha” que “depura” a morte (...) (SONTAG, 2007, p. 21

Conclusão

Nosso estudo nos conduziu a várias constatações que reforçam a afirmação anterior. Uma delas, queremos ressaltar aqui, é o fato de que a literatura mundial, ao longo dos séculos, corroborou para difusão dos estigmas sobre a hanseníase e, portanto, para que as pessoas, por ela acometidas, os manipulassem. Chegamos a esta constatação ao observarmos que, ao contrário de outras doenças, na literatura mais difundida a hanseníase sempre foi temática adotada quando a questão estética tem como finalidade exacerbar o grotesco.

A análise das obras literárias selecionadas pela investigação trouxe evidências de contos e enredos permeados de dramas da vida dos leprosos e de diferentes formas, pelas quais, esta doença se insere no processo de representação social, gerando estigmas de todo tipo.

A aproximação entre história e literatura, no caso deste estudo, tem como finalidade divulgar uma das dimensões não biológicas da lepra que é, entretanto, responsável pelo aumento da carga de sofrimento dos sujeitos que são acometidos por ela. Assim, acreditamos que as representações da lepra na literatura elucidam o fato de que a realidade simbólica das doenças são dimensões vitais que extrapolam o organismo biológico daqueles que a contraem.

Referências

ALENCAR, José de. **A alma do Lázaro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

BÉRDIER, Joseph. **O Romance de Tristão e Isolda**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Peréz. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigmas-Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LE Goff, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Imprensa Universitária, 1984.

KOSSAK-SZCZUCKA, Zofia. **O Santo Sepulcro**. Edição eBooksBrasil, 2008. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org>>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.); DESLANDE, Suely Ferreira e GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SONTAG, Susan. **A Doença como Metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Doença como Metáfora: a AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TRONCA, Ítalo. **As máscaras do medo: lepra e AIDS**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2000.